

**Publicação informativa sobre a
Operação Antianárquica Érebo em Porto Alegre.
- Um convite para o debate
*O silêncio, e a indiferença são perigosos aliados da dominação.***



***Vimos uma iniciativa, que chama à ofensiva
e aviva nossos impulsos e instintos.
Assim, respondemos ao chamado de Agitação contra a Operação Érebo
desde a tocaia na propagação de reflexões.***

Verão 2018 Algueres

*Vimos uma iniciativa, que chama à ofensiva e aviva nossos impulsos e instintos.
Assim, respondemos ao chamado de Agitação contra a Operação Érebo
desde a tocaia na propagação de reflexões.*

Publicação informativa sobre a Operação Antianárquica Érebo em Porto Alegre. Um convite para o debate

O silêncio, e a indiferença são perigosos aliados da dominação.

Sentimos a necessidade de trazer o tema da Operação Érebo para a troca de ideias anárquica e Anarquista pois o tema parece observado através de um vidro embaçado. Não fica claro quais os alvos da Operação, suas repercussões, a situação dos anárquicos atingidos e nem se fala do que poderíamos apreender dessa experiência. Assim, achamos que há vários pontos que valem a pena refletir. E esta publicação é a ferramenta que nos parece pode ajudar a desembaçar alguns aspectos. Com essa intenção reproduzimos alguns textos que circularam nas páginas de contrainformação, algumas informações e aqui nesta apresentação, nossas reflexões. Trazemos estas reflexões, dentre várias perspectivas, a partir da visão com a qual nos sentimos mais próximos. Mas, não se trata somente de afinidade ou cumplicidade, trata-se também da necessidade de afincar na reflexão sobre a informalidade anárquica no território controlado pelo estado brasileiro.

Dentro das diferentes formas de viver o anarquismo e procurar a anarquia, o ataque informal anárquico está sendo omitido das reflexões e debates. Não podemos imaginar se isso acontece porque “não se sabe” dos ataques, porque “não se quer falar disso” ou porque algumas tendências anarquistas têm criado uma linha quase única de pensamento ácrata. O que está claro é que pouco ou nada se debate sobre o tema. Isto nos estranha já que sendo anarquistas como somos, as práticas subversivas de confrontação contra a dominação teriam que estar entre os temas favoritos de nossas conversas. Então iniciamos este debate apontando o que para nós foram os alvos da Operação antianárquica.

A operação Érebo, do dia 25 de Outubro de 2017, foi o resultado de seguimentos policiais e colaborações com a polícia¹ que tinham como objetivo vincular quem

¹ A polícia alega ter recebido em uma madrugada por debaixo da porta da 1ª DP um envelope com um cd que continha uma lista de contatos da Biblioteca Kaos e um dos livros ao qual é tido como criminoso. Além desta história do delegado Jardim (encarregado da operação érebo) é um fato que João Felipe

frequentava a Biblioteca Anárquica Kaos com os ataques informais contra a materialidade da dominação (viaturas, maquinarias de destruição da natureza, prédios governamentais e militares, e mais... muito mais). Vinculação criada na cabeça dos repressores devido a que esta biblioteca publicou dois livros: a *Cronologia Maldita: Cronologia sobre a confrontação anárquica no território controlado pelo estado brasileiro do 2000 ao 2015*, e a *Cronologia da Confrontação Anárquica 2016*, nos quais se difundem os ataques.

Segundo as ordens de busca e apreensão que alguns receberam, os espaços Pandorga e Parrhesia, foram invadidos com a intenção de dar um golpe contra alguns dos “próximos” à biblioteca Kaos. Já a FAG foi mencionada na mesma ordem de busca e apreensão que o instituto Parrhesia por ter tido sua sede no mesmo endereço há alguns anos. Segundo o Fantástico e os jornais da rede Globo/RBS (que não são as melhores referências, mas que nos permitem entender ao inimigo e tatear suas intenções) a Operação Érebo é uma operação policial que busca desarmar um grupo que atacava Bancos e instituições governamentais. Ou seja, os alvos da Operação Érebo foram os “suspeitos” de cometerem esses ataques.

Não se trata de fazer estas esclarecimentos para apresentar protagonistas ou focalizar em indivíduos ou grupos, falamos destes aspectos porque se por um lado generalizar o golpe policial como estratégia solidária nos fortalece, pelo outro lado, generalizar o golpe policial omitindo o específico dos seus alvos uniformiza a diversidade das procuras anárquicas e anarquistas na região. A operação Érebo persegue ações concretas de ofensiva contra o poder. Ações que chegaram desde a informalidade anárquica e é nesse aspecto que queremos incidir.

Para expor melhor nossas ideias cabe lembrar de outros casos nos quais vemos a perseguição contra anarquistas devido ao ataque contra o poder. No 2013 (nos protestos contra o aumento da passagem) os 6 de Porto Alegre respondem até hoje um processo por ter sido “identificados” dentro dos protestos. Há uma intenção por individualizar e responsabilizar alguém pelos ataques materiais ocorridos nesses protestos. Esta repressão cai sobre eles não por se identificarem como anarquistas, de fato só alguns deles se identificam assim, mas por ter participado do intolerável: atos de rua que proporcionaram destruição da propriedade.

Chaves Barcellos Wallig proprietário da casa em que a Biblioteca Kaos teve sua segunda ocupação colaborou com a polícia facilitando fotos e nomes de frequentadores e vizinhos que apoiaram a iniciativa da biblioteca.

No 2014, os 23 do Rio de Janeiro foram perseguidos e sequestrados dentro dos protestos contra a Copa do Mundo, por tentar obstruir o megaevento da dominação, interrompendo o fluxo da compra-venda, do poder, do espetáculo. De novo, trata-se de uma repressão contra estratégias e táticas que ofendem o poder e não por uma identidade dissidente. Desses 23 nem todos se identificam como anarquistas.

Em ambos os casos a repressão procura frear o agir que incomoda, que ofende e é violento.

Em Porto Alegre, no 2017, a Operação Érebo desatou-se contra alguns anárquicos, anarquistas, e outros, numa situação similar porém diferente. Similar porque essa Operação procura deter o agir violento e ofensivo. Diferente porque o agir que quer conter a Operação Érebo não é massivo nem dentro de protestos abrangentes. O agir que perseguem agora é anárquico, informal e hostil contra a dominação, a autoridade e é também pela solidariedade com outros anárquicos.

Ainda quando esta repressão é muito atual (2017) esclarecemos que o ataque informal não é coisa recente na região, o ataque informal anárquico acontece há tempo: Grupos, células, ou individualidades que decidem atacar desde suas possibilidades e vontades aquilo que consideram que agride a liberdade e procura a submissão massiva e passiva. Reivindicações que aparecem em panfletos, livros, páginas de contrainformação e jornais mostram suas motivações, gritos solidários e chamados à propagação do conflito.

Este agir marca uma forma pontual de viver e procurar a anarquia que instiga o conflito de forma permanente. Busca agredir à dominação a partir da sensibilidade que não tolera as diversas tentativas de repressão. Esse impulso de ataque que não cabe em linhas nem programas, é mais próximo dos instintos e impulsos de desobediência que todos temos dentro quando nos sentimos mandados. Responde a essas intenções de governar e destruir o livre através da vingança, pequena talvez, mas vingança contra o poder e a dominação. Mas esses impulsos não são ilhas pessoais sem conexão, esses impulsos são respostas a uma realidade doente que muitos dissidentes retratam em livros, denúncias, foros e reuniões. O passo de ter ciência sobre essa realidade ao momento do ato vandálico é a fortaleza desta forma de procurar a anarquia.

A operação Érebo foi precisamente contra essa forma de procurar anarquia e nos 2013 e 2014 contra as ações diretas dentro de protestos. Acreditamos que a repressão deve ser entendida desde que ela busca frear a ação, quando se desborda o plano teórico, da

identidade, da ideologia e se passa a ofender o poder mediante o ataque. E isso merece ser dito e debatido, não para criticar esses passos nem os ataques, muito pelo contrário, para conhecendo as repressões poder estar em constante re-criação de estratégias de confronto.

Para os que sentimos a vontade de devolver os golpes da dominação, a Operação Érebo abre as portas para debater sobre o ataque informal, sobre táticas e estratégias de confronto e conflito contra a dominação.

Também acreditamos que trocar ideias sobre este tema é preciso para evitar ser neutralizados pela perseguição que tenta, mediante processos que não chegam a um final, ter na mão os dissidentes. Compartilhamos então estas reflexões chamando a não nos paralisar, a falar da repressão e continuar golpeando o inimigo.

Quando a anarquia incomoda. Comunicado da Biblioteca Kaos diante da perseguição contra anarquistas.

Há muitas coisas para falar, mas iremos pelo mais urgente. O 25 de outubro começou uma perseguição anti-anarquista contra a FAG [Federação Anarquista Gaúcha], o Parhesia, a ocupação Pandorga e algumas individualidades que tiveram espaços e moradias invadidas pela polícia. Se não toda, provavelmente uma boa parte da diversidade anarquista foi atingida e vários deles se pronunciaram desde suas concordâncias, com firmeza, diante da repressão. E isso é vento fresco que fortalece a todo aquele que se sinta em sedição.

Fica evidente que a mira dos agentes da repressão também aponta contra nós, contra as publicações que fizemos ou nas quais participamos. E é sobre isso que vamos a nos pronunciar. A cronologia da Confrontação Anárquica, tanto aquela que recolhe informação desde o 2000 até o 2015, quanto aquela que recolhe o acionar anárquico do 2016, são os livros que estão exibindo como “provas” de vandalismo, ataques, e atos criminosos. Dentre as múltiplas formas de procurar a liberdade que tem o anarquismo, esses livros falam da informalidade anárquica como um opção de acordo com o rosto da dominação atual. Ainda mais, esclarecemos que estes livros falam de ações que não são anarquistas só. O foco dos livros é a difusão de ações anárquicas. Para ser mais precisos, se difundem ações nas quais nós sentimos o aroma da

anarquia. E entre o anarquismo e a anarquia há diferenças que podem ser delicadas mas que são importantes.

O instinto anárquico é aquele impulso anti-dominação que pode estar presente em qualquer individualidade ou coletividade, para além dos pertencimentos ideológicos e militâncias políticas. É por isso que nas cronologias incluímos conflitos das populações não ocidentais, a conflitividade nas ruas dentro de protestos mais abrangentes e motivações diversas, ações contra o Estado e o Capital e muito mais. Longe de ir pela teoria, esclarecemos isto já que a perseguição contra os anarquistas não toma em conta estas diferenças procurando achar um bode expiatório para múltiplos eventos que incomodaram aos polícias e aos poderosos de sempre.

Surpreende que a polícia, o Delegado Jardim, e a mídia mostram como a grande novidade, fatos que já foram manchete no seu momento e já foram pesquisados pela polícia também, só pelo fato de estarem condensadas em nossas publicações. Nenhum dos livros é uma reivindicação. São livros de uma memória anárquica, com ações e conflitos muito anteriores à existência da Biblioteca Kaos e que com certeza irão continuar para além de nós. A publicação mostra, com alegria e de cabeça erguida sim, a existência de um confronto anárquico que dá resposta à dominação, à devastação da terra e ao ataque contra toda forma de liberdade, mas não reivindica a autoria desses fatos que podem ser colhidos, tal como nós fizemos de várias páginas de internet e jornais locais. E se fizemos essas publicações sabendo do risco que elas apresentavam é porque a insubmissão merece ser defendida, uivada, festejada e gritada por todos os meios possíveis. Jamais acreditaremos nem respeitaremos a obediência que pretendem impor, a submissão e o medo que querem inocular nas pessoas desde que nascem.

Para além disso tudo. As ações que estão nas cronologias são ações de ataque contra a materialidade da dominação. Ou seja contra prédios, carros, máquinas, estradas, vidraças. Coisas. Objetos. Símbolos. A polícia do território controlado pelo estado brasileiro é internacionalmente famosa por ser uma polícia assassina. As operações de pacificação, são chacinas, autênticos massacres, como a da Candelária e a do Carandiru, assim como o assassinato pelas costas de Eltom Brum que até teve uma torcida policial recebendo o assassino. E são eles quem vem a falar de terror, de quadrilhas do mal, de tentativa de homicídio? Mostram um estilingue e tijolos ecológicos como armas, enquanto eles estão de pistola na mão. Falam de terrorismo e quadrilhas do mal enquanto preparam a seguinte invasão contra uma vila ou favela, onde os mortos nem serão mencionados pela mídia. Assim, insignificantes são para eles. Gostaríamos de acreditar que todos se sentem insultados com as provas do

Delegado Jardim. Num contexto onde as armas são corriqueiras, tijolos ecológicos apresentados como explosivos é um insulto para qualquer um. Porém, não esquecemos do uso policial do pinho sol como arma (prova) contra Rafael Braga a quem sequestraram até ele pegar tuberculose, ou seja, até sentir que fizeram de tudo para matá-lo.

As repressões contra os anarquistas mostram duas coisas. A primeira que apresentar “terroristas” na tela serve como show para tirar os holofotes dos problemas como a corrupção, o descrédito político-policial e o genocídio devagar mediante reformas econômicas. Que agora tentem resolver fatos do 2013 e persigam um livro e literatura, mostra claramente um uso midiático e espetacular que pretende esconder o crescente ataque contra a população, despolitizar mediante ameaças e espalhar o medo até de ler (práticas evidentemente democráticas).

A segunda coisa que apresenta uma perseguição anti-anarquista é que a anarquia incomoda. Quando falamos da anarquia que incomoda, claramente, não estamos falando de meninos e meninas bem comportados agindo dentro das margens impostas pelo poder, não falamos de pessoas que tem as leis no seus corpos e corações lhes desenhando seus limites de ação. Quando falamos da anarquia que incomoda falamos de uma insubmissão tão forte de pessoas e grupos que tem sido capazes de interromper a normalidade da praça dos poderes, de paralisar a cidade, de quebrar os símbolos da militarização no Haiti, de queimar os veículos que sequestram, e matam arrastando como cavalos da inquisição (Claudia não esquecemos da sua morte).

Os livros da Biblioteca Kaos difundem essa anarquia. A que incomoda. Aquela que responde o embate do agronegócio, da civilização colonizante, da militarização, do ecocídio, da sociedade carcerária... Em palavras mais simples, enquanto a dominação tenta destruir o planeta e todos que eles acham indesejáveis, nós difundimos o que ataca a dominação.

E quando a anarquia incomoda, a reação dos poderosos ameaça e quer farejar o medo. A resposta anarquista e anárquica contra essa perseguição ficará nos nossos corações e ações. O como enfrentamos esta encruzilhada marcará o momento de nosso passo pela trilha da vida em rebeldia.

Força e solidariedade com Xsperseguidxs pela operação Érebo.

Biblioteca Anárquica Kaos

Outubro de 2017

Operação Érebo a terra se move.

Agitações e reflexões anárquicas o vento sopra

No amanhecer do dia 25 de outubro de 2017 o tempo fechou para os/as anarquistas de Porto Alegre. A polícia Civil com a Operação Érebo pôs em marcha invasões e assaltos televisionados pela mídia local e transmitidos pelos alto-falantes do sistema em volume máximo.

A partir desta reação policial, do show e escrache midiático, e da agitação na órbita anarquista mil e uma necessidades, urgências, ideias, impulsos e sentimentos nos atravessaram. Desta reflexão nasceu esta vontade de comunicação. Apontamos nossa determinação contra o inimigo e firmamos o passo com quem faz viver a anarquia em suas posições e práticas.

Nossa natural tendência ao caos.

Somos, existimos e agimos para além do Estado, as leis e a democracia. Procuramos e espalhamos autonomia, mas sabemos que ela não se consegue negociando com o poder [1].

Herdeiras/os das lutas pela liberdade e pela terra, dos guerreiros que ainda nos ensinam que se pode existir de várias maneiras para além da sociedade imposta. Sentimos uma inconformidade que persiste e insiste.

Olhando desde esta beira do rio, a democracia é só mais uma forma (atual) em que a civilização domina, mata e tenta apagar formas de existência que vazam da ordem militar e da obediência cega. Ainda mais, essa democracia que se apresenta como “o” valor de moda. E muitos caem cegos, ou ofuscam os olhos pelo seu brilho. Mas quem ama ser livre sabe que é só uma forma de governar e a vida é ingovernável, como os rios que mudam seu andar, como os animais que atacam seus domadores, como os povos que não se “vendem” ao trabalho escravo da sociedade ocidental. Assim a democracia é um ideal incompatível com quem não se deixa governar.

Suas máximas, os direitos, são ferramentas de colonização e de um humanismo que ainda distingue humanos de primeira, segunda, terceira, e mais categorias. Pode alguém defender isso?

Suas punições, as leis, são correntes que alguns adoram, mas que punem e marcam a quem tendo fome rouba e não mendiga.

A negociação com esse mundo é impossível, nossa relação com ele só pode ser o antagonismo [2].

Tentam dominar e não podemos deixar de lutar contra isso, sem trégua. Nessa tendência instintiva à liberdade sem regras nem ordem, reconhecemos-nos no caos da anarquia.

A busca por anarquia é por si só um desafio ao poder. Todas as perspectivas da anarquia se propõem a dismantelar as instituições do poder. Podem ter desencontros de como fazê-lo, mas todo anarquista quer os Estados, corporações, suas instituições e valores em ruínas. Disto acreditamos não estarmos enganados. Desta forma o desejo pela anarquia na democracia é por si criminoso.

Não estando no código penal, o anarquismo e a afinidade com ele não são efectivamente crimes. O que nos dá uma margem de ação e deixa mais liberdade para se identificar com ele. Mas a corda dessa liberdade não é muito cumprida.

A chave que desfez o mistério. Plantas exóticas e agitação anárquica.

A ideia de que seres alienígenas chegam trazendo o “mal” é um mecanismo de controle e repressão antigo. Desde a Europa, vários compas anarquistas, expulsos ou foragidos, chegaram neste continente. Aqui eles foram detectados e catalogados como plantas exóticas, inços de ideias e ações perigosas.

Na última década do século XIX os senhores do poder já expulsavam anarquistas considerados nocivos para a “paz social”. Ou seja, seres indomáveis, feras que não se submetiam às leis e à ordem que garantem a exploração. Recordamos de Giuseppe Gallini que junto a outros companheiros agitadores na cidade de São Paulo foram presos e expulsos. Lembramos também de José Saul, expulso da cidade de Pelotas por ser um agitador anarquista. Mesmo destino tiveram vários outros compas anárquicos.

Em 1907, em resposta a crescente agitação social (revoltas, greves, organizações autônomas dos trabalhadores) e a também crescente presença anarquista, o Estado brasileiro endurece as políticas de expulsão contra os indesejáveis. Costurando uma nova fantasia jurídica para seus bailes repressivos, a lei Adolpho Gordo.

Quando os governantes, juízes e policiais afirmam, desde 1800 até agora, que os anarquistas somos plantas exóticas, propiciam sentimentos de xenofobia, e também constroem a imagem de uma suposta “passividade” nativa.

As políticas de expulsão e escrache contra aqueles que trazem a “teoria do caos” [3] era e continua sendo um mecanismo de dispersão de encontros combativos. Segundo estas, a agitação anárquica seria exótica e poderia ser arrancada jogando os inços fora do Jardim.

Uma coisa é certa, os e as anarquistas chegaram de barco e continuam chegando por várias trilhas, no entanto, o impulso anárquico e o combate a dominação [4] estão nestas terras desde tempos imemoráveis. O desejo de liberdade não tem época, pátria nem fronteiras e, anárquicos como somos, não reconhecemos a repartição do mundo em países, em Estados. A debilidade que teríamos ao pensar o mundo dividido em linhas artificiais nos deixaria doentes, sem a capacidade de reconhecer a terra com seus limites próprios e mutáveis, montanhas, rios, florestas, quebradas.

Assim, também, não reconhecemos que nossos companheiros sejam pertencentes a um ou outro país, nós somos anarquistas e companheiros pela afinidade que temos em oposição ao controle e dominação. Não temos pátrias nem bandeiras e estamos longe de nos deixar nortear por sentimentos nacionalistas que só paqueram com o fascismo. O mundo é nosso porque com ele somos, e pela terra que habitamos sentimos nojo do progresso.

Além do mais, as ações recolhidas nas Cronologias da Confrontação Anárquica[5] estão muito longe de serem alienígenas ou desorientadas dentro do contexto atual do território controlado pelo Estado brasileiro, como podemos constatar.

Os partidos políticos PSDB, PSB, PSD, DEM receberam visitas anárquicas [6]. O agro-negócio, devastador da terra e dos povos, foi atacado com incêndio ao Banco Bradesco, a destruição de mudas de eucalipto e também barricadas incendiárias e bloqueios de estradas em território em luta com a civilização.

Também a militarização da vida foi nitidamente rechaçada com o ataque da Galera do Pixo do Triângulo CAV do Terror ao monumento da louvação da guerra nos arcos da Redenção, com a parcial destruição pelo Grupo de Hostilidades Contra Dominação do monumento do Batalhão de Suez/ONU avôs dos que hoje militarizam o Haiti, e com o ataque dos Vândalos Selvagens Antiautoritários que contribuiu para a retirada do tanque de guerra exposto como monumento na avenida Ipiranga.

Várias dessas ações foram, intuitivos, incompreensíveis para a lógica da competição pelo poder. Eram ações que nada pediam nem demandavam. Só agrediam à dominação. Até que apareceu a chave que desfez o mistério (segundo o telejornal Fantástico), as Cronologias da Confrontação Anárquica e a publicação Bem-vindos ao Inferno.

Maldita literatura anarquista!

Os livros que estão na mira da polícia, além de difundir uma ideia, falam de ações reais. Eles coletam e apresentam várias peripécias e ousadias de alguns indomáveis. Vários bandos que bateram contra o que sentiam que oprime. Livros que um amante do controle e da submissão jamais gostaria de ver difundidos. É por isso que estes livros são livros abomináveis para as autoridades, mas também por isso, são livros de alta consistência insubmissa.

Na caminhada anárquica, vários exemplos deste tipo de perseguição literária dentro das democracias vem nos ensinando que escrever sobre a confrontação é tomado como uma afronta pelo poder. A publicação O Prazer Armado, escrito por Alfredo Maria Bonanno, provocou sua detenção na Itália e anos depois sua edição e impressão foi uma das “provas” de acusação contra o companheiro anarquista Spyros Mandylas e a Okupa Nadir na Grécia. No mesmo continente, na Espanha, o livro Contra a democracia foi usado como prova de uma suposta participação em uma organização catalogada como terrorista pelo Estado espanhol, que teve como resultado várias invasões, detenções e operações contra os compas, as quais nos permitiram solidarizar com elas, nos aproximar e nos fortalecer na procura de liberdade e na certeza de que estamos em planos antagônicos de vida, os que amamos a liberdade e aqueles que são capazes de encerrar, isolar, controlar horas de sol e formas de contato.

Ontem como hoje a busca por anarquia impressa em palavras sobre o papel tem sua potência de difusão e inspiração. Pânico para as autoridades de plantão que reagem com agressões assaltos e sequestros.

Em 1969, no Rio de Janeiro, os militares destruíram e assaltaram o espaço de agitação dos anarquistas, o CEPJO (Centro de Estudos Professor José Oiticica), roubando ainda uma vasta biblioteca na residência do anarquista Ideal Perez. Além de roubarem os escritos originais do livro Nacionalismo e Cultura que estava por editar o anarquista Edgar Rodrigues, o qual para reavê-lo o comprou de volta dos repressores.

Em 1973 em Porto Alegre o DOPS (Departamento de Ordem Político e Social) chefiado pelo delegado Pedro Seelig invadiu a Gráfica Trevo, uma gráfica conduzida por anarquistas que, para além de impressões comerciais, imprimiam os jornais anarquistas que circulavam na época: O Protesto, vendido nas bancas de revistas de Porto Alegre e o jornal Dealbar, editado pelo anarquista Pedro Catalo, difundido em São Paulo. Também imprimiam livros editados por sua editora Proa. Nesta ocasião do assalto policial foram destruídos praticamente toda a impressão do livro O futuro pertence ao socialismo libertário e confiscado originais de futuras edições. Nesta tempestade casas particulares foram destroçadas e vidas foram sadicamente agredidas.

Malditos são nossos livros, jornais, escritos. Malditos somos os que tem a coragem e ousadia de escrevê-los, editá-los, traduzi-los, imprimir-los, difundi-los.

O Estado, a polícia, a democracia...

Não precisa de provas para perseguir anarquistas.

É sabido que nas perseguições a anarquistas não se precisam provas. Os livros foram o único fio que puderam segurar para apontarem a alguns que desde a agitação e propaganda incomodaram.

Sem provas mas não sem justificação, a reação do poder tem sua justificação sim. E essa justificação paradoxalmente é nosso maior sorriso. Saber que alguns bandos anárquicos bateram no poder só pode valorizar nossa posição já que manifesta antagonismo. Se nós nos chamamos anarquistas é porque não admitimos autoridade em nossas vidas nem na terra, assim o antagonismo à ordem imperante é um indicador básico de estar seguindo a trilha que dizemos seguir.

A Operação Erebo “procura dar com os autores dos ataques”, ou seja persegue ações mas parece ir atrás de ideias. Farejando literatura ácrata e pegando amostras das tendências, diversas, da anarquia. Confundindo a propaganda escrita com a propaganda pelo fato.

A propaganda escrita põe em evidencia algo que pareceria que queriam manter em segredo: que o poder pode apanhar dos anarquistas.

Temos claro que se se persegue as posições anti-autoritárias é porque não se queimaram bancos, viatura e igrejas por piromania mas pela rejeição activa e combativa à mercantilização da vida, à punição e ao controle. E quando falamos disso não é em tom de denúncia mas como grito de alegria. É aí onde as ideias e afinidades

“pesam”. Somos vários, todos, alvos na mira repressiva. Então na tormenta, no olho do furacão, ou flertamos com a passividade sistêmica nos maquilhando de leis e direitos ou saímos mais fortes gritando que viva a anarquia contra toda forma de poder.

Luz câmera e ação. O show midiático

A televisão tem uma força avassaladora no Brasil. É uma referência na vida das pessoas para entender seu entorno, criar prioridades, ter uma posição. Não é um exagero afirmar que a TV adentra as pessoas, manipula vidas, abertamente realiza experiências no comportamento das pessoas a partir dos estímulos que emitem suas ondas, em suas notícias, propaganda e novelas.

Quando falamos da TV alinhamos junto seus jornais impressos, faces de um mesmo corpo, como: Zero Hora-RBS.TV/Globo [7]. Estes junto ao Correio do Povo e SBT [8] protagonizaram associados licitamente à polícia a vingança do poder contra os anarquistas.

Se a TV é o controle à distância para os cidadãos saberem quem são os “novos inimigos da paz social”. Para os inimigos, ou seja para nós anarquistas, o show pretende ser o ventilador que espalha o medo. Cenas criadas toscamente como o encapuzado lendo a Cronologia ou os molotovs de garrafa pet e a polícia quebrando portas ao grito de “polícia!”, querem mandar o recado da perseguição, querem provocar o medo em nosso bando e ainda em uma investigação que diz ser de sigilo, escracham e deixam em evidência os “suspeitos”.

Trata-se de um linchamento midiático e certamente para quem não procura diálogo com a ordem social isso tem um peso. Abundam os comentários que se somando ao linchamento pedem fotos dos suspeitos ou reclamam por desvincular suas vidas de algo que uma vez retratado como o “mal” tem que ser banido e afastado para não poluir sua impecável vida cidadã.

Analistas políticos e juristas deram o toque ilustrado para espalhar o medo com “fundamentos”. Os anarquistas podem ou não serem julgados pela lei antiterrorista? Foi o debate apresentado por eles no show. Para além das úteis aulas que deram sobre o tema no Fantástico, mostraram que junto das forças repressivas os sábios da sociedade também colaboram com a criação do novo medo social. Não se trata mais de uma nota policial, agora é um tema social, jurídico, político, filosófico.

Os alcances desta confabulação podem ser maiores, o medo pode calar todo tipo de dissidência. Assim, o show serve para acalmar possíveis protestos e inconformismos com a genocida forma de governar da democracia.

Sabemos que os anarquistas e os povos fora da civilização e marginais tem um antagonismo que ficará depois do show. Mas, as outras dissidências se apressaram em se branquear como obedientes cidadãos? O medo penetrará até aos ossos dos que se chamam rebeldes?

Entre nós não. Este texto assim como outras manifestações parecem afirmar o rechaço contra a dominação e não se deixar abater pelo medo.

O show vende e compra. Comprou a premissa no leilão policial da Operação Erebo. E vende. Sabemos que as notícias não são à toa, são jogadas pensadas no tabuleiro da dominação, visando fins específicos. É claro, eles nos dirão serem imparciais, portadores da justa visão dos fatos, da verdade.

Não existe mídia da livre expressão. A associação entre a mídia, polícia e justiça são profundas para punir todos que não dançam sua música.

Anarquistas.

Novembro de 2017.

>Nosso salve para aqueles que não deixaram passar o vento sem o sopro da solidariedade:

A aqueles seres que fizeram uma manifestação solidária na grande ilha do Pacífico. Aos compas que mandaram solidariedade desde o outro lado da cordilheira dos Andes. A compa que mandou a poesia para os perseguidos desde a rebelião das palavras. A todos que não se mantiveram quietos.

Todas essas ações se fizeram sentir.

Notas:

[1] Distanciamos-nos da ideia de que o poder é bom ou ruim dependendo de quem o exerce. Brindamos com Bakunin: “Todo poder corrompe”.

[2] Usamos a palavra antagonismo para expressar a incompatibilidade da anarquia com o poder e a dominação.

[3] Palavras do delegado Jardim no jornal do almoço na manhã do dia 25 de outubro de 2017, tentando definir os/as anarquistas investigados.

[4] Tomamos a referência da posição contra a dominação de alguns dos comunicados que reivindicam os ataques que detonaram a Operação Erebo. O combate à dominação, segundo estas ações, não se trata de um antagonismo que priorize uma linha (classe, raça, gênero, defesa da terra), mas de um antagonismo em conflito com isso tudo e ainda mais, contra as subteis e complexas formas de controle e domínio.

[5] As Cronologias da Confrontação Anárquica, são dois dos três livros que estão no foco da Operação Erebo.

[6] Segundo as Cronologias da Confrontação Anárquica, ações de ataque reivindicadas quanto não reivindicadas (conhecidas só pelas notícias) apresentam o princípio anárquico se agem em antagonismo com as instituições do controle e da dominação. Os partidos, neste caso, são os principais contendentes na procura de governar, controlar e mandar na população e no território.

[7] A empresa Zero Hora-RBS.TV/Globo no processo instaurado contra o Bloco de Lutas nas agitações de 2013 dispôs até de repórter como testemunha de acusação.

[8] Na manhã do dia 25/10/2017 somando-se ao show televisivo o repórter Thiago Zahreddine, da empresa SBT, apresentou a mistura aberrante dos anarquistas investigados como neonazistas, em suas palavras: “Se definem como vândalos de ideologia neonazista afim de enfrentar todo tipo de autoridade”. Tendo em conta a receptividade das pessoas ao que lhes diz a TV, essa aberração vai para além da estupidez do repórter.

Foto tirada em frente da biblioteca e livraria anarquista Jura Books (Sydney-Austrália).



Acerca das detenções em espaços anarquistas no Brasil e pela internacionalização da ofensiva anarquista no cone sul

SOLIDARIEDADE É AÇÃO!

A polícia civil do Rio Grande do Sul invadiu, na madrugada de 25 de Outubro de 2017, espaços e lugares anarquistas – no contexto duma investigação por ataques contra bancos, esquadras da polícia, empresas, automotoras e sedes de partidos políticos, realizados por grupos anárquicos, nos quatro últimos anos, em Porto Alegre. Tudo isto ocorre na véspera da 8ª Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre – cuja abertura seria a 27 de Outubro – e que foi suspensa até novo aviso, face aos acontecimentos.

Operação Erebo, é este o nome dado ao novo golpe repressivo contra companheirxs anarquistas. Erebo (negrua) era um deus primordial da obscuridade e sombra, na mitologia grega.

Tudo isto se desenrola, segundo a repressão, no âmbito de uma investigação iniciada há um ano – acerca de um ataque a um veículo nas proximidades de um quartel policial – investigação que contemplaria mais de trinta suspeitxs, entre xs quais e segundo palavras do Director da Polícia Metropolitana (Fábio Motta), se contariam pessoas do Brasil, Chile, Bolívia e França. Estas pessoas, segundo declarações na imprensa do chefe da Polícia Civil (Emerson Wendt), conformariam uma organização que se posiciona “contra toda a forma de poder, controlo e moral existente na sociedade”.

A repressão exercida pelos bastardos é do mesmo tipo que noutros operativos repressivos já feitos sentir na região do cone sul* – tal foi o caso da Operação Salamandra (“Caso Bombas”, Chile, 2010) ou da repressão contra meios anarquistas na Bolívia, em Maio de 2012 – confiscando livros, máscaras, folhetos, cartazes, computadores e, particularmente neste caso, uma grande quantidade de eco-tijolos, apresentados pela polícia como bombas molotovs.

As acusações levantadas pela repressão incluem intenção de homicídio, organização criminosa, formação de gangues e danos a património público com material explosivo.

Por seu lado, a imprensa corporativa local desenvolve o seu papel de colaboração miserável – de forma a validar e justificar a operação repressiva. Num dos noticiários, um repórter exhibe nas mãos (sem luvas) uma das provas que considerava mais evidentes para dar conta da periculosidade do suposto grupo criminal: um exemplar do livro “Cronologia da confrontação anárquica”, que recompila ações diretas levadas a cabo no território dominado pelo Estado do Brasil.

Para lá das evidências e das acusações vemos, novamente, como as estratégias repressivas dos Estados são internacionalizadas e atingem ambientes anti-autoritários e companheirxs – tentando impedir o avanço da luta anárquica em todas as suas formas e expressões.

Perante isto, a nossa resposta só pode ser uma: a solidariedade internacional e o fortalecimento das redes de ação e coordenação, potenciando a ofensiva anárquica, em guerra contra os Estados e toda a forma de poder.

Do Chile ao Brasil, solidariedade, agitação e ação direta, contra toda a autoridade!

Sin Banderas Ni Fronteras, núcleo de agitação anti-autoritária.

Chile, 26 de Outubro de 2017.

*Cone Sul; a área mais austral da América Latina, conformada por Argentina, Chile e Uruguai, Paraguai, Ilhas Malvinas e a Região Sul do Brasil.

Contra a “Operação Erebo”

A polícia deflagrou a chamada “Operação Erebo”, com o intuito de perseguir anarquistas em Porto Alegre, região sul do território dominado pelo Estado brasileiro. Essa operação tem por objetivo prender anarquistas supostamente envolvidos em atividades informais desde 2013.

Sobre o caso, não precisamos falar mais do que o necessário:

NÃO FALAMOS A LÍNGUA DO INIMIGO

Não se trata de pessoas “culpadas” ou “inocentes”, muito menos se estavam “certas” ou “erradas”. A moralidade é a língua dos tribunais. Somos contra todas as leis, pois sua natureza opressora serve apenas para manter a “ordem e progresso”, responsáveis pela miséria humana. Estamos contra as prisões e conseqüentemente não colaboramos para preencher os depósitos humanos. Nós apoiamos com força total xs 10 anarquistas perseguidxs pela máquina genocida do Estado.

NÃO ACREDITAMOS NO ESPETÁCULO MIDIÁTICO

A mídia como sempre se aproveitou do episódio para armar seu espetáculo. Todas as notícias tentam caracterizar xs anarquistas perseguidxs como um único grupo a fim de dar credibilidade para o verme Paulo Cesar Jardim e seus cães da Delegacia de Polícia Civil. O momento da putrefata nação é delicado e está mais que explícito o interesse político da imprensa, ao qual desprezamos completamente.

NÃO CONSEGUIRÃO PRENDER UMA IDEIA!!!

Nem uma, nem mil operações policiais serão capazes de interromper a luta pela liberdade. A anarquia surge nas brechas do autoritarismo e do domínio tecnológico, sendo essa uma paixão muito mais forte do que qualquer cela.

PELA LIBERDADE TOTAL!!!

ESTAMOS EM TODO O LUGAR!!!

Vídeo: Operação Érebo Guerra Contra Anarquistas no Brasil

- Apareceu em dezembro nos sites de contrainformação um contundente vídeo produzido por submedia.tv solidário aos anarquistas perseguidos pelas forças da ordem brasileira.

> **Assista o vídeo (05:51) aqui:** <https://vimeo.com/246373408>

Córdoba/Argentina: De Córdoba até Porto Alegre – 1º de Dezembro

Anônimos desenrolam uma faixa em solidariedade com xscompas de Porto Alegre (Brasil) em um viaduto da cidade. Nela se lia:

“Quebrando a apatia.

O fogo da revolta Arde. Solidariedade com xsinsubmissxs de Porto Alegre”

Que nada detenha o nosso passo firme, a nossa solidariedade combativa, as nossas piscadelas de olho cúmplices, a nossa afinidade sem fronteiras. Se a terra se move estaremos prontos para bailar nos escombros e preparados para os ataques inimigos.

Força e solidariedade com xscompas de Porto Alegre!!!

Um as gotas de caos.

Santiago/Chile: Na madrugada do dia 18 de dezembro de 2017 as 4:30 um bando anônimo deixou um artefato incendiário no interior de um ônibus da linha 107 Transantiago com intuito de incendiá-lo. Na reivindicação publicada nos meios de contrainformação o bando reivindica sua ação com algumas palavras ... aqui vão alguns extratos:

“Esta ação foi planejada recordando com amor e raiva nossxs irmãos/ássequestradxs, torturadxs, e assassinadxs neste espaço chamado terra ...

Nos preparando para um ataque mais certo nos posicionando cada dia em qualquer lugar do mundo contra toda autoridade, buscando propagar a ideia da liberação total por cada rincão ...

Uivamos cúmplices aos companheirxspresxs pela chamada operação “Érebo” no Brasil.”

Mês de agitação antiautoritária pela ofensiva anárquica contra a “Operação Érebo”

Fevereiro de 2018

Solidariedade insubmissa à todxs anarquistas perseguidxs na região sul do território dominado pelo estado brasileiro.

Nós fazemos um chamado para ação extensiva nos meses de fevereiro e março em resposta à “Operação Érebo”.

No ano de 2017, a polícia civil de Porto Alegre (RS) iniciou a chamada “Operação Érebo” para perseguir anarquistas e espaços libertários. Está claro que o estado quer derrubar a cada um que faz das suas ideias uma autêntica ameaça

Nenhuma agressão ficará sem resposta. Perante a isso, apelamos para respostas imediatas que venham de todos os cantos visando o inimigo. Não ficaremos na defensiva covarde, aguardando o próximo movimento jurídico-policial nos atingir.

Que a ideia se difunda e se espalhe como o fogo da revolta incontida por todos os territórios dominados. Que as palavras de rebelião soprem junto ao vento pelo mundo.

Sejamos criativxs.

COMUNICAÇÃO É ARMA!

PELA SOLIDARIEDADE APÁTRIDA!

LIBERDADE PREVALECERÁ!

“Somos o que somos e nisso não vamos retroceder: somos anarquistas, amamos a liberdade e sim, desprezamos a todos os valores e instituições que compõem essa máquina de guerra chamada capitalismo, civilização”

Destacamos por último que estes comunicados/chamados foram traduzidos para diversos idiomas circulando estas ideias em português, espanhol, inglês, alemão. Nosso abraço cúmplice a todxs que se esforçam neste sentido de difundir a rebelião, nosso idioma universal. Viva anarquia !!!

*Mês de agitação anti autoritária
pela ofensiva anárquica*

CONTRA A OP. EREBO



Solidariedade à todos anarquistas perseguidos

*"Somos o que somos e nisso não vamos retroceder:
somos anarquistas, amamos a liberdade e sim,
desprezamos a todos os valores e instituições que compõem
essa máquina de guerra chamada capitalismo, civilização."*